

Hamilton F. Sampaio Junior



Historiador

Professor de História

Biógrafo

Genealogista

Pesquisador

Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia.

www.generabrasil.com.br/

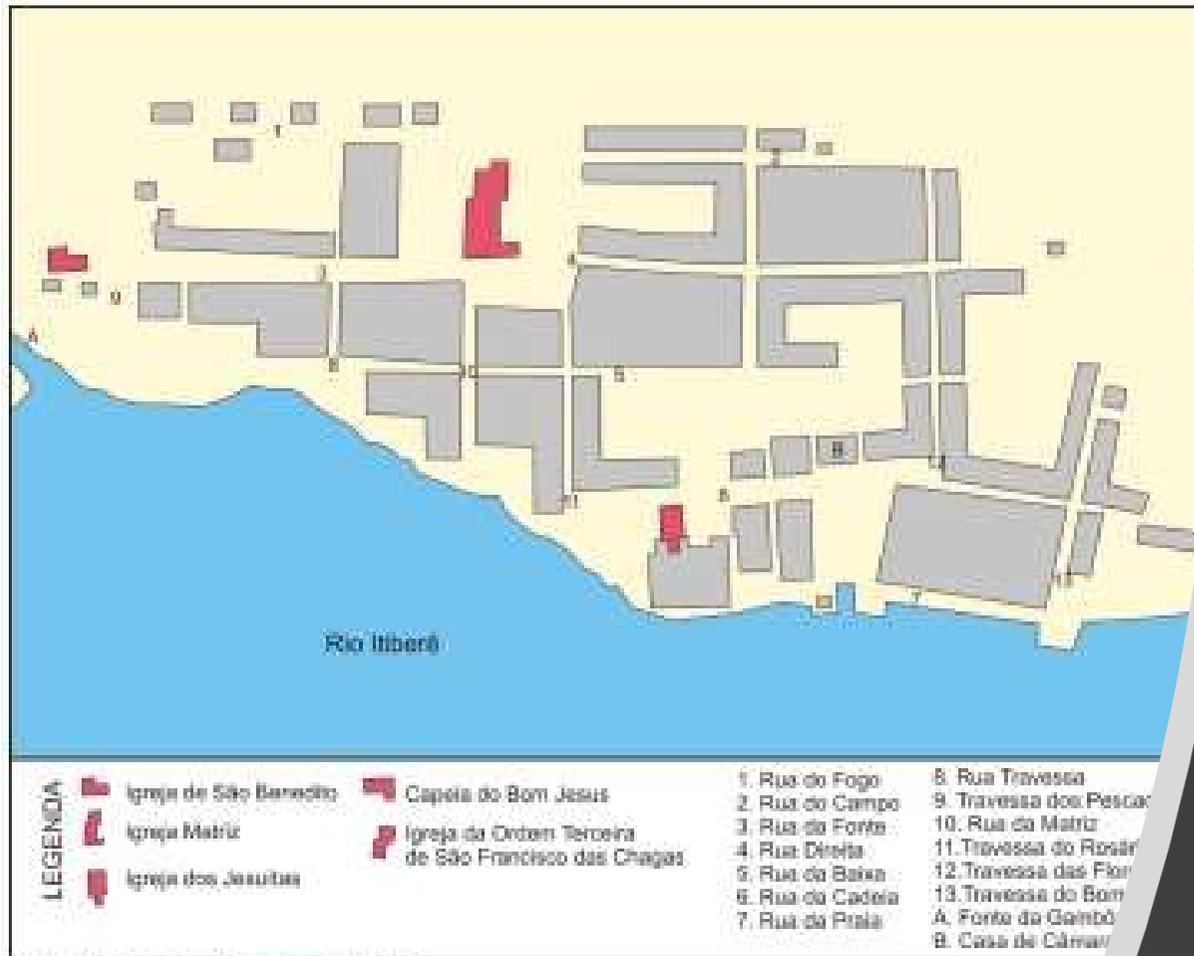


Figura 48. Mapa de Paranaguá em 1815.
 Fonte: REIS, 2000, adaptado pelo autor, 2010.

Aspectos da vida em Paranaguá na década de 1820

Mapa de 1815 "Rodrigo Sartori Jabur"
 IHGP

Paranaguá em 1817 segundo uma lista de votantes da igreja, tinha as seguintes características demográficas.

Homens Brancos Solteiros 1172

Homens Brancos Casados 636

Mulheres Brancas Solteiras 1276

Mulheres Brancas Casadas 648

Viuvos Ambos os sexos 247

Homens Pretos Livres 24

Mulheres Pretas Livres 25

Homens Pretos Cativos 304

Homens Pretos Cativos Casados 66

Mulheres Pretas Cativas 354

Mulheres Pretas Cativas Casadas 43

Viúvos entre os cativos ambos os sexos 22

Mulatos Livres 167

Mulatos Livres Casados 59

Mulatas Livres 242

Mulatas Livres Casadas 66

Viúvos entre os mulatos livres ambos os sexos 28

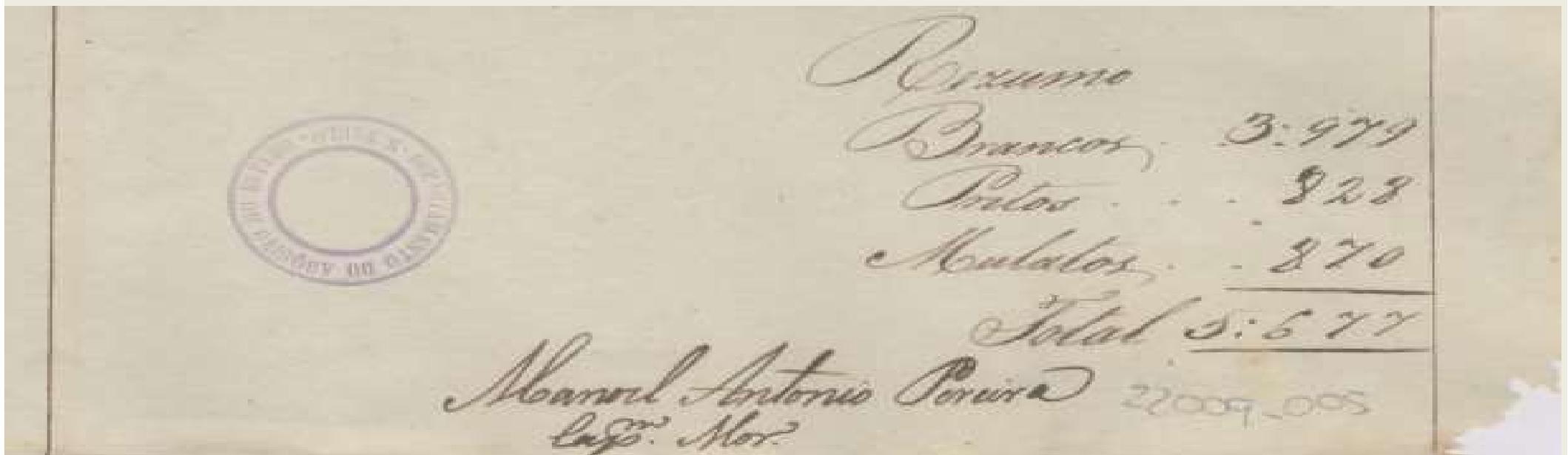
Mulatos Cativos 124

Mulatos Cativos Casados 30

Mulatas Cativos 154

Mulatas Cativos Casadas 14

Viúvos entre os mulatos Cativos ambos os sexos 16



Nascimentos na Cidade



Nascimentos

Branco						Pretos						Mulatos					
Homens			Mulheres			Livres			Capitulos			Livres			Captivos		
Homens	Mulheres	Genios	Homens	Mulheres	Genios	Homens	Mulheres	Genios	Homens	Mulheres	Genios	Homens	Mulheres	Genios	Homens	Mulheres	Genios
27			2			10			13			5			3		
22			2			12			13			3			1		
65																	
30																	

Resumo
 Branco Livres 119
 D^o Mortos 172
 D^o Genios 1
Total 291

Resumo 23 23
 Pretos Livres 35 35
 D^o Mortos
 D^o Genios 1 1
Total 54 54

Resumo
 Mulatos Livres 36
 D^o Mortos 9
 D^o Genios 1
Total 45

Casamentos na Cidade 1817

Casamentos anuuaes e contidos na
Parochia da Villa de Parangaba e pte anno de 1817

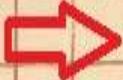
Idades	Brancos		Pretos				Mulattos			
			Livres		Cajetes		Livres		Cajetes	
	Feminas	Machos	Feminas	Machos	Feminas	Machos	Feminas	Machos	Feminas	Machos
D'10 - 20	2	4	1	1	2	2	1	1	1	2
D'20 - 30	6	6	2	1	2	4	8	1	3	2
D'30 - 40	7	2	4	2	2	2	1	4	1	1
D'40 - 50	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1
D'50 - 60	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
D'60 - 70	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
D'70 - 80	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
D'80 - 90	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
D'90 - 100	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Total	16	12	3	2	4	5	8	9	3	4

Importações 1817

Tumie	116			
Truvindo	116			
Bacalhau	20			1:20
Asucar	72			4:224
Salna de Algodao	340 7/8			3:136
Sal	15256			12:432
Farinha de Guerra	2822			2:462
Batatas de Cora	75			2:967
Samosa sartida	17			2:536
Batatas sartid	32			1:170
Fangas de Cora	870			1:111
Cafas e paninles	116			3:670
Chitas sartid	288			1:411
Rpicados	22			240
Chapues	256			301
				56:344

Exportações 1817

Toucinho				528				
Carne seca				278				
Farinha de trigo				725				
Café				162				
Bacalhau				30				
Sabo				15				
Farinha de guerra						1137		
Arroz com casca						456		
Sal						166		
Sinho						64		
Senha						45125		
Sigas						420		
Caibros						35		
Cuervas						126		
Somma total								R\$ 33:50



Manoel Antonio Pereira
L. S. M.

Salvador José Correia Coelho

Nos conta que considera Paranaguá o empório comercial do Paraná, graças a seu porto que também influenciou no direcionamento do crescimento da cidade. Paranaguá possui, no sentido nordeste, o direcionamento principal de seu crescimento, concentrando parte das construções e mantendo a proximidade com o rio Itiberê. Um dos fatores que direcionaram este desenvolvimento foi o porto de Paranaguá, localizado nas margens daquele rio. Observamos no mapa de 1815 alguns trapiches localizados nas proximidades do Colégio dos Jesuítas, indo até o início da rua Alberto de Abreu.

antiga travessa do Bom Jesus. Ao fim do século, a cidade se expandia na direção da foz do Itiberê, acompanhando os trapiches do porto que já se desenvolviam até o final da rua da Cadeia. Nessa região onde está situado o porto de Paranaguá, foi formada a rua da Praia, que se transformou em importante via comercial e alfandegária, onde circulavam na metade do século XIX, produtos de diversas partes do Brasil e do mundo.



Rio Itiberê

0 50 100m

LEGENDA:

- Igreja de São Benedito
- Igreja Matriz
- Igreja da Ordem Terceira
- Capela do Bom Jesus
- Casa de Câmara e Cadeia

- Praça do Mercado
- Alfândega/Colégio dos Jesuítas
- Estação Ferroviária
- Fonte da Gambôa
- 1. Rua do Fogo

- 2. Rua do Campo
- 3. Rua da Fonte
- 4. Rua Direita
- 5. Rua do Ouvidor
- 6. Rua da Cadeia
- 7. Rua da Praia
- 8. Rua da Boa Vista
- 9. Rua Travessa

- 10. Travessa dos Pescadores
- 11. Rua da Matriz
- 12. Travessa Senhora do Terço
- 13. Travessa das Flores
- 14. Travessa do Bom Jesus
- 15. Travessa da Ordem
- 16. Rua Manoel Bonifácio
- 17. Boulevard Serzedelo

PARANAGUÁ 1895



Figura 50. Mapa de Paranaguá de 1895.

Fonte: IHGP; adaptado pelo autor, 2010.

1815

A legenda no mapa indica somente as igrejas e capelas locais, não referenciando outros pontos relevantes, como o pelourinho, a casa de Câmara e Cadeia e a fonte da Cambôa. No mapa de 1895, estão apontadas as igrejas e capelas, como no documento anterior, sinalizados com a cruz. Uma característica importante é que suas quadras estão divididas em lotes, que podem indicar as áreas ocupadas e os sobrados existentes, representados com o desenho de suas coberturas.

A vila, em 1815, ainda carregava características do século anterior, tanto em

suas construções como na estrutura urbana. Ela estava delimitada ao noroeste pelos fundos da igreja Matriz, ao sudeste pelo Colégio dos Jesuítas, ao nordeste pela capela do Bom Jesus e igreja da Ordem Terceira, afastadas da maior concentração urbana, e ao sudoeste pela igreja de São Benedito e fonte da Cambôa.



Figura 49. Mapa de Paranaguá em 1815.
Fonte: REIS, 2000, adaptado pelo autor, 2010.

**Mapa de 1815 "Rodrigo Sartori Jabur"
IHGP**

Um aspecto geral da cidade neste começo de século pode ser retirado das descrições que o viajante francês Auguste de Saint Hilaire fez em sua visita à cidade.

Saint Hilaire percorreu grande parte do que hoje é o Estado do Paraná e antes de chegar à Paranaguá, o viajante esteve em Curitiba, sede da Comarca, e posteriormente se deslocou ao litoral.

A vila, de acordo com o viajante, possuía casas aparentemente bem cuidadas, onde a grande maioria estava configurada com um pavimento. Sobre a estrutura desses edifícios, ele coloca:

“Quando se chega à Paranaguá, vindo do interior, onde a maioria das casas das vilas e arraiais são feitas de barro. O que chama a nossa atenção é ver todas as casas e todos os prédios públicos feitos em pedra.”

(HILAIRE, 1995, p.150)

Quando Hilaire comentou sobre as construções em pedra, observamos que, nesse período, a maioria das obras já era edificada dessa forma, ao contrário do que ocorreu na visita do Ouvidor Pardinho em 1720, em que observou grande parte das construções em pau-a-pique, devido ao problema sobre a propriedade da ilha da Cottinga. Certamente, na época da visita de Saint-Hilaire, ainda existiam algumas construções em barro na vila, mas não foram percebidas pelo viajante, provavelmente por ser de fato uma minoria naquela época.

O viajante considera Paranaguá, “[...] certamente uma das mais bonitas que já visitei desde a minha chegada ao Brasil, mas o calor ali é quase tão forte quanto no Rio de Janeiro.” (HILAIRE, 1995, p.154). Neste mesmo trecho ele relata sobre o problema do abastecimento de água, dizendo que, “[...] a água que se bebe, fornecida por uma fonte distante das casas algumas centenas de passos, extremamente medíocre.” (HILAIRE, 1995, p.154).

Era uma vila pequena, rodeada por uma bela paisagem natural ao seu redor, constituída por cursos d'água e pela baía, tendo ao seu fundo a Serra do Mar, visto que Paranaguá sempre foi comentada pelos viajantes, principalmente por seus aspectos naturais, que impressionavam à quem pelo mar chegava ao porto. Quanto ao traçado das ruas.

Hilaire considerou as vias paralelas ao rio Itiberê largas, bem alinhadas e não pavimentadas, “[...] no entanto elas jamais se mostram barrentas, já que o terreno é muito arenoso.” (HILAIRE, 1995, p.150).

O alinhamento das vias pode ser percebido no mapa de 1815, apesar de existirem algumas fora dessas características, como a rua Direita e a rua da Cadeia, mas a maioria das ruas tem um traçado quase retilíneo, principalmente as de menor dimensão.

1816



Genera Brasil

HAMILTON SAMPAIO JUNIOR

A Vila de Paranaguá cobriu-se de luto pelo falecimento de Sua Majestade a rainha D. Maria I, ocorrido no Rio de Janeiro de 1816.

A Câmara mandou que se celebrassem exéquias solenes na Matriz de N. Sra. do Rosário, com o comparecimento das autoridades, nobreza e povo, tendo os Oficiais da Milícia prestado honras fúnebres à extinta soberana.

1819



Genera Brasil

HAMILTON SAMPAIO JUNIOR

Nasce no Brasil a Rainha de Portugal

Nasceu no Rio de Janeiro a princesa D. Maria da Glória, a 26 de abril, filha do Príncipe D. Pedro e neta do rei D. João VI. D. Maria da Glória, Princesa do Grão Pará, veio a ser mais tarde a rainha D. Maria II de Portugal.

A Câmara de Paranaguá, em vereança de 8 de maio de 1819, determinou que se fizessem luminárias e festejos populares na vila, durante os dias 29, 30 e 31 de maio e fixou o dia 1.º de junho para a Missa Solene de ação de graças em comemoração ao feliz evento.

1820

Com o desenvolvimento econômico propiciado pela exportação da erva-mate, a partir de 1820, quando chegou à vila o comerciante argentino Francisco de Alzagaray, deu início a uma nova fase no desenvolvimento de Paranaguá. Como existia a falta da erva paraguaia em Buenos Aires, devido ao bloqueio econômico paraguaio, Alzagaray então instalou em Paranaguá a primeira fábrica de beneficiamento de mate, que depois seria introduzido no mercado argentino.

(WESTPHALEN, 1972)

Este bloqueio econômico foi resultante da proibição, em 1813, pelo ditador Francia, do Paraguai, da exportação de erva-mate para os consumidores da Argentina e Uruguai. Dessa forma, os comerciantes dessas regiões, prejudicados pelo ato de Francia, decidiram buscar novos mercados do produto em outras localidades.

(WACHOWICZ, 2001).

A exportação da erva-mate se desenvolveu a partir da independência brasileira, e teve grande importância no comércio paranaense, nas palavras de Westphalen, a erva mate

“[...] torna-se o principal produto da exportação paranaense em todo o século XIX.”

(WESTPHALEN, 1972, p.40)

1820



Genera Brasil

HAMILTON SAMPAIO JUNIOR

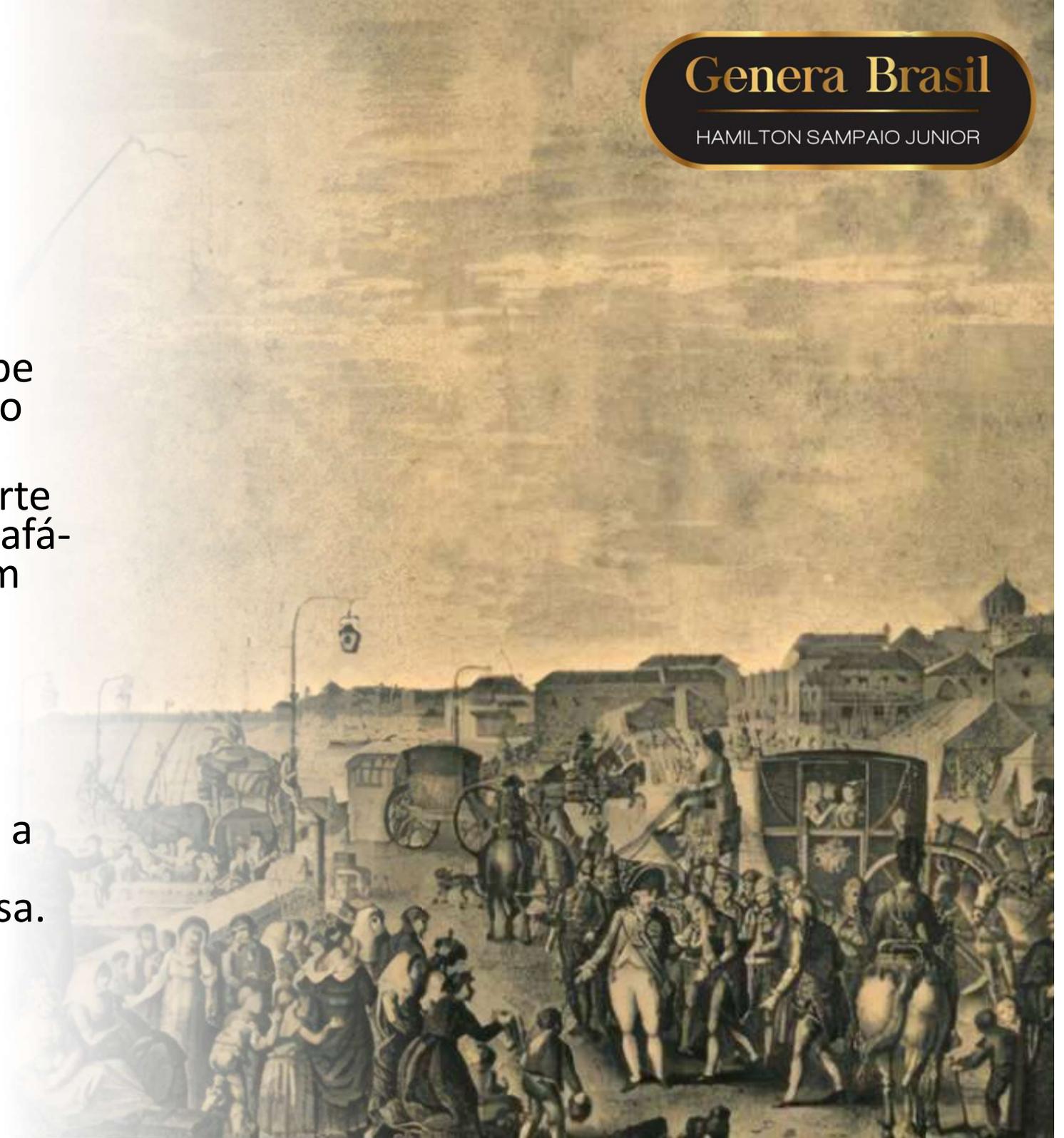
Crise no Magistério da Vila

A Câmara da Vila de Paranaguá , reunida em vereança de 4 de dezembro de 1820, dirigiu uma petição ao rei D. João VI solicitando que Sua Majestade nomeasse um Professor para o ensino primário, por se encontrar vago o cargo e ser de necessidade uma pessoa que ensine a mocidade. E acrescentou mais, o cargo de Professor vagou não havendo quem o queira ocupar, pois a função que era gratificada com a importância de 120 mil réis anuais, havia sido reduzida para 80 mil réis anuais, pelo governador da Província de São Paulo, João Carlos Augusto Oyenhausen.

Em 1821, porém, rompe uma revolução no reino português.

D. JOÃO VI, então, parte às pressas, a fim de abafá-la, e consegue. Isso, em abril.

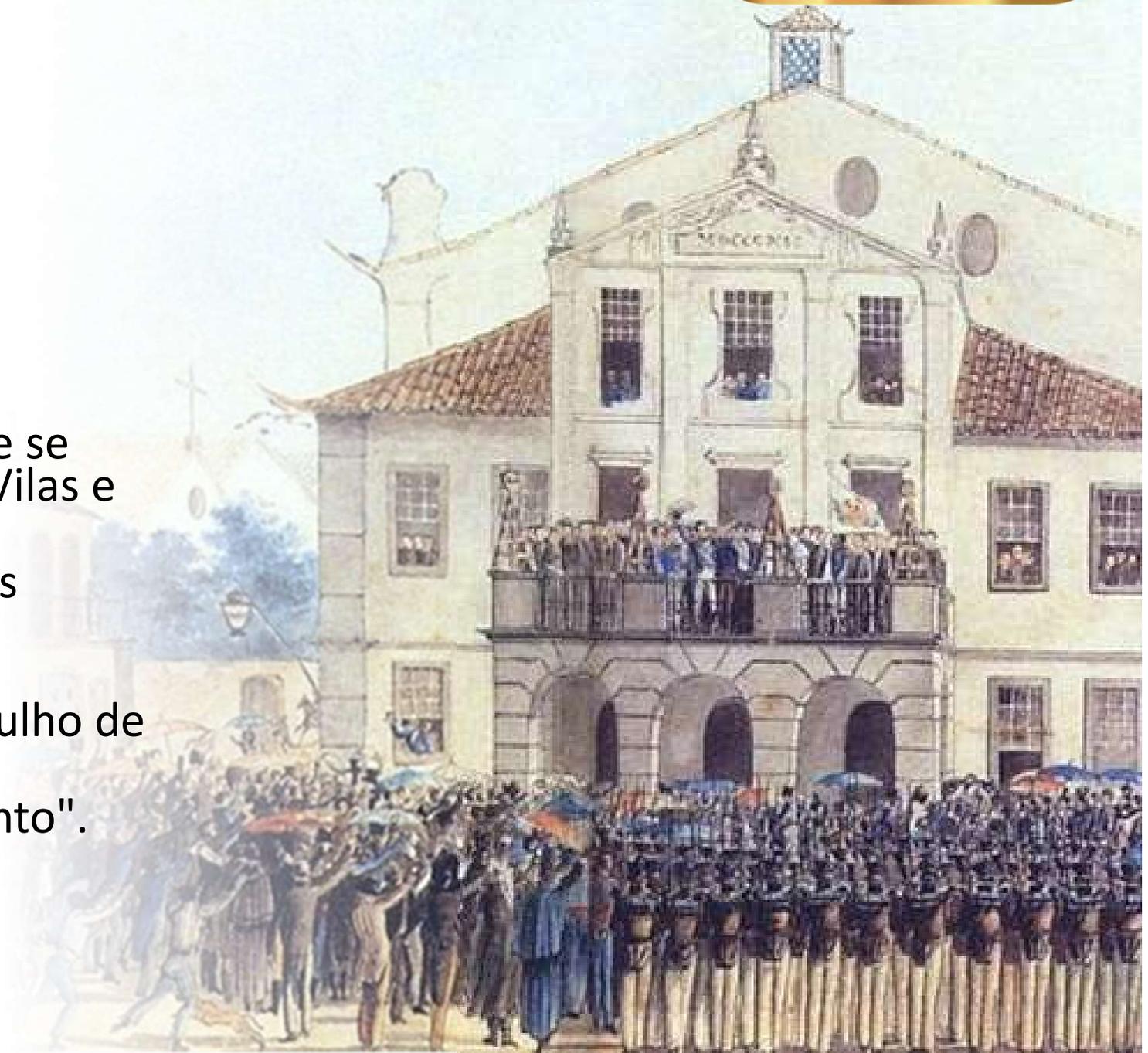
Em julho, os reis, o Conselho e a Câmara lusitana, bem como o povo, foram obrigados a jurar as bases da Constituição Portuguesa.



No Brasil, como era de se esperar, em todas as Vilas e Cidades,

as Câmaras Municipais fizeram o mesmo.

Em PARANAGUÁ, foi marcado o dia 15 de julho de 1821, para se fazer esse "juramento".



Em 15 de julho de 1821 a Câmara, em Vereança Geral, com a assistência do Juiz de Fora, Dr. Antônio de Azevedo Melo e Carvalho convocou todos os cidadãos, afim de jurarem obediência à Carta Constitucional decretada pela Corte de Lisboa, fidelidade a D. João VI, rei constitucional do reino unido de Portugal, Brasil e Algarve, e à Real Dinastia de Bragança, bem assim ao governo destacado na (Capital da Província de São Paulo.

Presentes à Câmara (atualmente edifício José Barbosa, sito à rua 15 de novembro) as autoridades civis, militares e eclesiásticas; reunidos no largo do Paço do Conselho tropa e povo, para o juramento

Então o Juiz da Fora, acompanhado pelos membros da Câmara (com o real estandarte), dirigiu-se à sacada do Paço e proferiu, em voz alta, a fórmula do Juramento à tropa e ao povo; os quais responderam:

"ASSIM O JURAMOS" ! Seguiram-se os vivas à Religião, à Constituição e ao rei D. JOÃO VI.

Foi quando FLORIANO BENTO VIANA capitão da Guarda do Regimento de Milícia e, oficial condecorado com o hábito da Imperial Ordem da Rosa; deu um passo à frente do Batalhão e falou, também em voz alta:

"ILUSTRÍSSIMOS SENHORES, TEMOS CONCLUÍDO AGORA QUEREMOS QUE SE NOMEIE UM GOVERNO PROVISÓRIO PARA QUE NOS GOVERNE EM SEPARADO DA PROVÍNCIA; TORNAM-SE OS NOSSOS RECURSOS MOROSOS, E ASSIM, CHEIOS DE DESES PEROS, PEDIMOS QUE SE DÊ PARTE DE TUDO À SUA MAJESTADE".

Respondeu o Dr. Juiz de Fora:

" AINDA NÃO É TEMPO; COM VAGAR SE HÁ DE SE REPRESENTAR A SUA MAJESTADE". O herói não se conformou, replicando:

"O REMÉDIO LOGO SE APLICA AO MAL QUANDO ELE APARECE;

PORTANTO, NAO HÁ OCASIÃO MELHOR E NEM MAIS OPORTUNA " . . .

Córdula Rodrigues França



Cordula Rodrigues França nasceu em 1750, a informação sobre esta data de nascimento veio através dos maços da Igreja de Paranaguá de 1808, o qual nos informa que sua idade nesta época era de 58 anos conforme abaixo.

“Dentre as mulheres Dona Cordula era a maior proprietária de casas, eram sete e contabilizava na época 59\$160 réis em aluguel por ano, duas na Rua do Cargo e cinco na Rua do Terço, todas elas alugadas, sendo que em uma destas casas era alugada ao Real Contrato das Canoas e na outra residia, uma valiosa casa térrea tendo arbritado o aluguel em 15\$000

sua propriedade urbana mais rentável, podemos dizer que em 1808, 20% das casas urbanas estavam em mãos de 6% dos proprietários. Como resultado, o aluguel era a principal forma de residir na vila. Eram 138 as casas alugadas, o que representava 47% das relacionadas na Décima. Em todas as ruas, a exceção a Rua da Praia, os inquilinos eram em igual ou maior número do que os proprietários-moradores que representam 76 casas, ou 26% do total (na Rua da Praia eram em número de seis). Em São Paulo de 1809, o número de casas alugadas representava 50%, uma situação semelhante à Paranaguá, apesar da diferença de tamanho das cidades. Já as casas onde o proprietário residia em São Paulo, representavam 36% do total.

Cordula aparece nos censos da época na condição de “**chefe do domicílio**”, provavelmente porque já era viúva e, ainda consta que a mesma vivia de aluguel de embarcações e também do aluguel de seus escravos, a maioria destes escravos trabalhava como jornaleiros.

24	J. Cordula Roiz Franca ^{al. contal.}	63	V	P	Verde de seu Negocio
	O. R. Joao Martins filho	44	"	P	
	Escravos				
	Diogo	44	V	P	
	Joao	16	S	P	
	Javis	24	S	P	
	Nita	27	S	P	
	Meriza	22	S	P	
	Antonia	10	"	P	
	Teronima	7	"	P	

Listas de Votantes de 1817 da Igreja de Paranaguá.

O Documento que se segue, é uma carta de Dona Cordula, datada de Paranaguá aos 16 dias de Julho de 1821, dois dias após o fato, com a assinatura reconhecida pelo Tabelião de Notas da cidade de São Paulo e, que denota que andou servindo à investigações das autoridades da época.

É a seguinte:

“José.

Como me déste notiça da vossa chegada estimarei que achasse a vossa casa em paz. Pelo João Bandeira recebi um recado vosso em que me pedias um bocado de fumo e tabaco. Remeto por Bento Alves, de Campo Largo, hum embrulho com 4 varas. Estimarei saia bom, pois melhor o que não ha (quando haja remeterei). Por aqui presentemente, ha algumas novidades

em Santos as tropas se levantou e deu um saque e morrerão algumas pessoas sendo m o Bott. (?), e me dizem que alguns destes ladrões tem aparecido no Barrado (Varadouro). Aqui, no dia de hontem esteve coaje no mesmo em ocasião de jurar as vozes da Constituição – que queirão aqui Governo Provisório e tendo virado os Melicianos todos para que não estivessem pelo Governo de São Paulo.

“Mas algumas pessoas prudentes desvanecerão tudo, sendo o Brito (?) o que mais trabalhou a semelhante respeito para desvanecer a tropa. E não achando para seu partido senão Francisco (?) Bento e José Ricardo (?). e Capm Mór, e Paulinha (?), e Padre Vicente e Antonio José da Costa e tudo mais a favor, e tudo ficou em paz. E já até com deputados aqui nomeados, sendo authores de tudo o Sargento-Mor Roch e o Sargento-Mor Lustoza; para Presidente tinhamo o Governador, e Ouvidor para Vie-Presidente. O Sá, dessa para secretário da Guerra, par ao interior José luiz Pereira.

Deputados, pela Agricultura, Bento Gonçalves e José Gonçalves; pelo Comércio, Capm.-Mor e Bentóte; pela Marinha o Capitão Amaral. Do Pilar e pela tropa do Coronel dessa, Jacintho e Sargento-Mór Bastos e pelo Clerigo o Padre Antonio dos Morretes e Padre Manoel. Mas não poderão conseguir tudo isto, o que se deve a Bentóte, e o Alves, e o Brito em que tem tido até dos seus Emulos vivas pela maneira e valor com que se portou. Querendo estes maos homens dividir isto de São Paulo sem pés nem cabeça, dia que aqui houve muito medo e no fim não faltarão calças b..... a ponto que Floriano falou ficando como hum negro, e não sei o que se passará com estes cabeças de motim. Maneco (?) foi para São Paulo e padre Manoel e Chrispim (?) e sendo hum nomeado vigário, mas agora deu parte de doente e não vai e hoje penço estão em São Paulo todos. Deus queira tudo se arrume em bem.

Lembranças a Catharina que com mais vagar lhe escreverei e que recebi pela mulher de Joaquim Antonio o que me remeteu e que escreva, e vós o mesmo, pois eu me é necessário pedir a quem me escreva e por isso o não faço mais miudo. Lembranças a tudo quanto vos pertence e ao Capitão Simão (?) e José Antonio (?)

Vossa Maim, Cordula

“A margem, no verso desta carta esta escrito.

Eu nada fiz. A Senra D. Cordula he quem me quer fazer o favor, assim como outras pessoas por me estimar. He necessario lembrar que dos nomiados nenhum convinha e nem aqui se achavão e seu José Luiz unico que aceitaria para melhor roubar e não pagar a quem devem ou saquião. Brito”

Aqui deixamos o cabeço de um capítulo de nossa história. Completem-no melhores investigações.

Ébano Pereira (Romário Martins)

(Do O Luzitano, de Curitiba, 10 de junho de 1916)



Cordula foi sem dúvida uma grande mulher em seu tempo, enfrentou dificuldades e esteve envolvida nos principais eventos que levaram a formação de nossa identidade como “Paranaenses”, deixou registros importantíssimos à respeito da gênese e formação de nosso Estado, talvez motivada para salvaguardar seu filho mas, sem dúvida nenhuma honrou o legado de seus antepassados que foram os grandes desbravadores do Sul do Brasil.
Faleceu em 1831 em Paranaguá.

1822 Príncipes de Bragança Brasileiros

A Câmara da Vila de Paranaguá, em vereança de 14 de maio de 1822, determinou festas populares, com três dias de luminárias e missa solene de ação de graças, para comemorar

o nascimento da princesa D. Januária, filha do Príncipe Regente D. Pedro e neta de D. João VI rei de Portugal Brasil e Algarve.

Da mesma forma, Paranaguá se rejubilaria mais tarde, com o nascimento da princesa D. Francisca em 1824, filha do imperador D. Pedro I e com o nascimento em 1825, do príncipe D. Pedro, que viria a ser o 2.º imperador do Brasil.

Aclamação do Imperador Pedro I

No dia 7 de setembro de 1822, o príncipe D. Pedro, herdeiro do trono português, proclamou a independência do Brasil, separando-o da metrópole. ». Foi aclamado então Defensor Perpétuo do Brasil.

Dia 12 de outubro, foi aclamado Imperador e a 1.º de dezembro do mesmo ano, foi coroado, subindo ao trono do império brasileiro com o título de Pedro I.

1822

Proclamada a independência, a Câmara da Vila de Paranaguá, em vereança geral do dia 12 de outubro de 1822, redigiu um

Auto de Aclamação do teor seguinte:

“Auto Solene da Aclamação do Príncipe Real e Senhor D. Pedro 1. Imperador do Brasil. —Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de 1822 anos, aos 12 dias do mês de outubro, dia de imortal glória para o Brasil, nesta Vila de Paranaguá e Casas da Câmara, onde foram vindos o Ouvidor da Comarca e Juiz de Fora pela lei e mais Oficiais da Câmara, autoridades

Eclesiásticas, Civis e Militares, nobreza e povo; e tropa postada em frente, havendo-se, Solene e unanimemente, manifestado os puros e sinceros desejos e a livre espontânea vontade de aclamar-se o grande, o imortal, o Excelso Príncipe Real, o Sereníssimo Senhor D. Pedro, Imperador Constitucional do Brasil; prestando o mesmo Augusto Senhor previamente o Solene Juramento de jurar, guardar e manter e defender a Constituição que fizera a Assembleia Geral, e Constituinte e Legislativa do Brasil; no que todos tem reconhecido sua geral e individual felicidade, e sua maior glória e grandeza”.

HAMILTON F SAMPAIO JUNIOR
Historiador e Genealogista



junior_sampaio_hamilton



41-991372219



hamilton@generabrasil.com.br



www.generabrasil.com.br



Referências:

ASCENSÃO ECONÔMICA DE LIBERTOS NO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO DO SUL: O CASO DO PRETO FORRO PEDRO GONÇALES, INÍCIO DO SÉCULO XIX – Gabriel Aladrén

NEGRAO, Francisco. GENEALOGIA PARANAENSE: GENEALOGIA PARANAENSE. In: GENEALOGIA PARANAENSE: GENEALOGIA PARANAENSE. 1. ed. Curitiba: Impresora paranaense, 1926. v. 1, cap. 1, p. 169. ISBN 000000000000000000000000.

↑ [Ir para: a b c d e f g h i j k](#) *Alessandro Cavassin Alves (2014). «A Província do Paraná (1853-1889) a classe política. A parentela no governo.» (PDF). Universidade Federal do Paraná – Tese de Doutorado em Sociologia. Consultado em 26 de junho de 2018*

↑ [«Catálogo seletivo de documentos referentes aos africanos e afrodescendentes livres e escravos» \(PDF\). Arquivo Público do Paraná. 2005. Consultado em 26 de junho de 2018](#)

JUNIOR, Vicente Nascimento. História Crônicas e Lendas: História Crônicas e Lendas. In: JUNIOR, Vicente Nascimento. História Crônicas e Lendas: História Crônicas e Lendas. 1. ed. Paranaguá: Paranaguá, 1980. v. 1, cap. 1, p. 169. ISBN 000000000000000000000000.

Ermelino A. de Leão – I.H.G.P. – 1994 – pág. 1154 a 1156

Arquivo Público do Paraná

Biblioteca Nacional

Elites locais, patrimônio e atividades econômicas no Brasil do século XIX: o epílogo da trajetória do negociante Manuel Francisco Correia (Cidade de Paranaguá, Província do Paraná, 1861-1864)*

ANDRÉ LUIZ MOSCALESKI CAVAZZANI*1

Centro Universitário Uninter/Universidade Federal do Paraná

SANDRO ARAMIS RICHTER GOMES*2

Cronologia Do Paraná Carlos Zatti.

Listas Nominativas de Habitantes da Vila de N. Sra. do Rosário de Paranaguá 1801 e 1830.

SARTORI Jabur Rodrigo as Transformações Arquitetônicas e Urbanas nos Séculos XII e XIX na cidade de Paranaguá.